



# Etnicidade Cigana

Auto-Exclusão e  
Tratamento Diferencial

**::INTRODUÇÃO::** A constatação de que uma sociedade -- isto se exporta para todas as comunidades humanas -- é racista, apresenta-se como uma verdade à la palisse, de tal forma evidente que se torna desnecessária a sua enumeração. No entanto, é também uma verdade histórica. Quer isto dizer, que o racismo, não se trata, pois, de um fenómeno recente, resultado de uma crescente circulação de pessoas em fluxos migratórios permanentes. É, na verdade, uma realidade que tem composto todo o background social e cultural das comunidades humanas ao longo da história universal.

A constituição de um grupo humano em comunidade requer uma noção conjugada de valores, tarefas e hierarquias. O valor da semelhança física sempre foi um critério fundamental na selecção dos integrantes e dos excluídos. Ainda hoje, nas sociedades pós-modernas, a apresentação física continua a ser um factor de inclusão social e critério primário de socialização e interacção.

O período correspondente aos descobrimentos, representou não só um alargamento geográfico como um alargamento das fronteiras psico-sociais. A Mundialização colocou em jogo realidades e verdades até então tidas como absolutas. Houve, claro está, um reforço do racismo. O branco europeu e católico, viu-se confrontado com outras raças e outros sistemas religiosos, pelos quais nutriu, amplamente, um profundo desprezo e sentimento de obrigação de evangelizar -- isto é o mesmo que dizer que procurou converter povos a uma estrutura nova, é o início da escravatura. Na constituição dos espaços urbanos a segregação social sempre foi uma realidade constante. Os excluídos -- primeiro os oriundos das zonas rurais e mais tarde os estrangeiros -- correspondendo às classes social e economicamente mais baixas, foram permanentemente relegados para as periferias. Neste contexto é interessante compreender dois casos -- os banlieus de Paris e as periferias das cidades brasileiras. (Sobre este último assunto recomendo a tese da Dr.<sup>a</sup> Maria Nilza da Silva, editada em livro pela Fundação Cultural Palmares, intitulado *Nem Para Todos é a Cidade*, apresentado em Portugal durante o evento Afro-Brasileirando organizado pelo autor deste artigo).

### **CARACTERIZAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO.**

O povo designado por cigano, compõe-se, na sua génese de outros povos ou comunidades, como sejam os rhom, os sintos (oriundos da Áustria e Alemanha), e os calon ou calé. Por natureza são caracterizáveis como nómadas, e segundo estudos linguísticos levados a cabo durante o século XX, presume-se que sejam oriundos do norte da Índia. A maioria dos Rhom falam algum dialeto do idioma romanês, língua

muito próxima das modernas línguas indo-europeias do norte da Índia e do Paquistão, tais como o sânscrito, o prácrito, o maharate e o punjabi. A moderna antropologia relacionou a língua romani com as línguas punjabi e potohari, faladas no norte do Paquistão.

### **SEGREGAÇÃO HISTÓRICA.**

A segregação cigana -- antecedente da auto-exclusão moderna (abordada mais à frente) -- tem no seu comportamento nómada, características físicas e práticas videntes, a explicação base. A repressão por parte da Inquisição teve um papel essencial na segregação étnica ao longo da história. Foram proibidos de usar os seus trajes de cores berrantes, de falar a sua língua, viajar, exercer os seus ofícios tradicionais e até mesmo casar com pessoas da mesma étnica. Entenda-se, claro, que estas práticas não deixaram de existir. Na Roménia os ciganos foram reduzidos à condição de escravidão, tendo permanecido nesse estado desumano até aos século XIX. Durante o holocausto, presume-se que meio milhão de ciganos terão perecido, sofrendo as mesmas privações que os judeus, entre as quais a esterilização das mulheres. Na Suíça, até 1973, os filhos ciganos eram retirados dos seus lares e entregues para adopção a famílias não-ciganas.



### **AUTO-EXCLUSÃO E TRATAMENTO DIFERENCIAL.**

Em Portugal serão mais de quarenta mil os ciganos residentes. Ao contrário de **Paulo Macedo** e demais observadores do fenómeno cigano em Portugal, não pretendo considerar cidadãos os elementos da etnia em estudo -- entendendo que ao cidadão devem corresponder não só direitos inalienáveis como também deveres cuja obrigatoriedade de cumprimento se lhes impõe.

Nos levantamentos realizados ao longo dos tempos, caracteriza-se o povo cigano como social e economicamente segregado, vulneráveis à pobreza e requerentes de programas de realojamento. Sabe-se também, que a análise sociológica implica que o observador influencie a esfera do observado, pelo que os registos e depoimentos são facilmente influenciáveis.

Note-se que a mais-valia do presente artigo, deve-se a diversas vivências junto das comunidades ciganas, nos seus contextos de negócios ligados à indústrias têxtil e bem

assim, ao acesso a factos não-publicados das políticas de realojamento e atribuição de rendimentos.

**Políticas de Realojamento.** As políticas de realojamento em Portugal não estão desprovidas de factores políticos ligados, muitas vezes, à necessidade partidária de preocupação formal face às minorias. É aqui que ocorre o tratamento diferencial, isto é, as minorias étnicas ao invés de ser alvo de segregação tornam-se prioritários. Não é por isso de estranhar que uma boa fatia do realojamento se destine à etnia cigana. Ora, o que os responsáveis pelo ordenamento do território e políticas de realojamento, esquecem de averiguar é as reais condições económicas dos visados, o que origina, não poucas vezes, a atribuição de um alojamento a um indivíduo ou agregado familiar que já possui uma casa própria. Do mesmo modo que ocorre a atribuição de uma casa a cada membro de um casal, uma vez que a comunidade cigana não casa formalmente, constituindo sempre uniões de facto. No que concerne aos bairros de lata, constituídos pela etnia cigana para habitação marginal, é verificável a existência de carros de luxo estacionados junto às referidas habitações, onde ocorrem com frequência transacções de droga. Isto é pelo menos muito grave, se ao crime que tal deveria constituir juntarmos a dificuldade que um jovem nativo português tem para conseguir uma primeira casa. O tratamento diferencial torna-se assim numa injustiça social.

**Auto-Exclusão.** Forças sociais há que tendem a caracterizar a situação actual cigana como de segregação social. Era não seja errada a conclusão, parece, contudo, desprovida de alguma veracidade. O posicionamento social cigano à margem social é uma realidade, contudo, o posicionamento da análise é que sofre de um síndrome político ilusório. Certo é que, a segregação cigana é na verdade uma auto-exclusão. As manifestações racistas tendem a estar mais representadas na postura social cigana face aos demais do que o inverso. O comportamento social cigano é sempre o de povo superior, não da forma tradicional de soberania racial, mas do ponto de vista mais pragmático -- "o cigano é mais esperto do que o senhor" (entenda-se "senhor" por indivíduo caucasiano). No que concerne às estruturas sociais, os rhom, têm dificuldade em aceitar as definições de normais comportamentais, lidando mal com questões de autoridade, lei e deveres, optando sempre pelo critério da "lei do mais forte".

**Acesso à Educação.** Neste aspecto, a etnia cigana fica claramente prejudicada. A estrutura comunitária cigana entende a educação como um valor supérfluo e com uma função instrumental ligada aos negócios -- aprender os números para conhecer o

dinheiro. Neste sentido, à todo um caldo social que inviabiliza o acesso a uma educação permanente e formal.

**Impunidade Social.** A maioria das pessoas preferem não contactar com indivíduos de etnia cigana. Isto não só é causado pela desconfiança face ao outro, mas tem também por trás a instabilidade que os rhom tendem a causar nos seus contextos. As normas de comportamento social -- como o respeito pelas liberdades individuais, pelo espaço e conforto do outro -- não estão devidamente apreendidas, pelo tendem a não compreender as regras de urbanização ligadas ao tratamento do lixo, poluição sonora e limpeza de espaços comuns. À parte disso, a desconfiança gera medo, o medo gera impunidade. É costume verificarmos que os pequenos e médios delitos e desrespeitos praticados por indivíduos de etnia cigana -- que noutros seriam severamente reprimidos -- tendem a passar impunes. O roubo num supermercado, o assalto fugaz na escola, não crimes não denunciados por receio claro de represálias.

**::CONCLUSÃO::** Pese todas as atrocidades histórias que a etnia cigana foi alvo até ao século XX, em alguns países, certo é que na sua estrutura normativa não há espaço para a noção de compromisso social. A inserção não é conseguida e a segregação social muitas vezes falada nos compromissos sociais partidários é na verdade uma auto-exclusão activa. O tratamento diferencial exerce-se diariamente e tem adjacente uma carga simbólica ligada ao medo e desconfiança.